

Romantismo – Poesia – 2ª e 3ª Geração

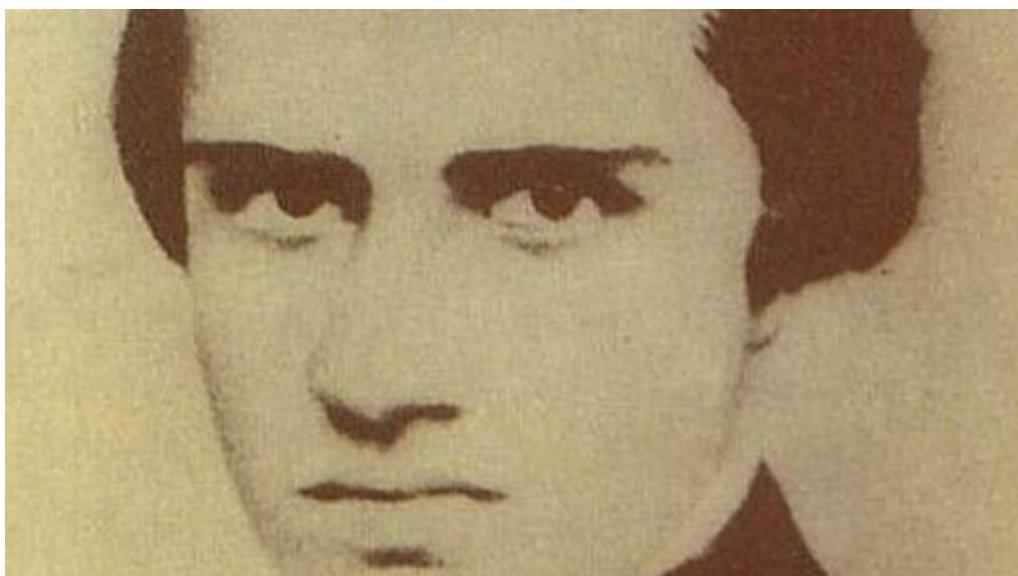
E U
P A S-
S O

T U
P A S-
S A S

E L E
R A-
L A

Romantismo – Poesia – 2ª e 3ª Geração

Álvares de Azevedo: A Antítese Personificada



Álvares de Azevedo.

Álvares de Azevedo (1831-1852) é a principal expressão da geração ultrarromântica de nossa poesia. Paulista, fez os estudos básicos no Rio de Janeiro e cursava o quinto ano de Direito em São Paulo quando sofreu um acidente (queda de cavalo) cujas complicações o levaram à morte, antes de completar 21 anos.

O escritor cultivou a poesia, a prosa e o teatro. Os sete livros, discursos e cartas que produziu foram escritos em apenas quatro anos, período em que era estudante universitário. Por isso, deixou uma obra de qualidade irregular, se considerada no conjunto, mas de grande significado na evolução da poesia nacional.

As Faces de Ariel e Caliban

A característica intrigante de Álvares de Azevedo reside na articulação consciente de um projeto literário baseado na *contradição*, talvez a contradição que ele próprio sentisse como adolescente.

Perfeitamente enquadrado nos dualismos que caracterizam a linguagem romântica, essa contradição é visível na sua principal obra poética, *Lira dos Vinte Anos*.

A primeira e a terceira partes da obra mostram um Álvares de Azevedo adolescente, casto, sentimental e ingênuo. A essas partes ele mesmo chama de a face de Ariel, isto é, a face do bem. O poema seguinte é um exemplo dessa face.

Soneto

Pálida, à luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar! Na espuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada!
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bela! O sei palpitando...
Negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti – as noites eu velei chorando
Por ti – nos sonhos morrerei sorrindo!

(In: Álvares de Azevedo. Seleção de textos de Bárbara Heller, Luís Percival L. Brito e Marisa Lajolo. São Paulo, Abril Educação, 1982. p. 22. Literatura Comentada)

Observe que o soneto está organizado a partir de relações antitéticas: a escuridão e a claridade; a noite e o amanhecer; o ambiente onírico (de sonho) e o real; a virgem pálida e distante e a mulher corporificada e sensual; o amor e a morte.

Note ainda que da primeira para a última estrofe há um processo de materialização da mulher amada: no início, ela é uma “virgem do mar” ou um “anjo”; depois, torna-se uma mulher sensual e nua na cama. Essa gradação ocorre paralelamente à gradação da luz, conforme o dia amanhece.

Numa atitude tipicamente adolescente, o eu lírico, como um verdadeiro *voyeur*, observa de longe a mulher amada, sem ter com ela nenhum comprometimento. Trata-se de um comportamento resultante do “medo de amar”, ligado à dúvida e ao prazer reprimido, e cuja saída é a sublimação pela morte.

Quando se inicia a segunda parte da *Lira dos Vinte Anos*, contudo, o leitor depara com um segundo prefácio da obra, com os seguintes dizeres:

Cuidado, leitor, ao voltar esta página!

Aqui dissipa-se o mundo visionário e platônico. Vamos entrar num mundo novo, terra fantástica, verdadeira ilha Baratária de D. Quixote, onde Sancho é rei; [...]

Quase que depois de Ariel esbarramos em Caliban.

A razão é simples. É que a unidade deste livro e capítulo funda-se numa binomia. Duas almas que moram nas cavernas de um cérebro pouco mais ou menos de poeta escreveram este livro, verdadeira medalha de duas faces.

.....

Nos mus lábios onde suspirava a monodia amorosa, vem a sátira que morde.

(In: Antônio Cândido e José A. Castello, *op. cit.*, v.2, p. 14)

Com esse comentário, o poeta introduz o leitor no mundo de Caliban, representado principalmente pelo poema “Ideias Íntimas” e por uma série intitulada “Spleen e charutos”. Embora não se incluam na *Lira dos Vinte Anos*, também se aproximam desse grupo de textos os contos de *Noite na taverna* e a peça teatral *Macário*. Esses escritos retratam um mundo decadente, povoado de viciados, bêbados, prostitutas, andarilhos solitários sem vínculos e sem destino. Observe essa atitude nos seguintes versos do poeta.

Poema do frade

Meu herói é um moço preguiçoso
Que viveu e bebia porventura
Como vós, meu leitor... se era formoso
Ao certo não o sei. Em mesa impura
Esgotara com lábio fervoroso
Como vós e como eu a taça escura.
Era pálido sim... mas não d’estudo:
No mais... era um devasso e disse tudo!
[...]

Não quisera mirar a face bela
Nesse espelho de lodo ensanguentado!
A embriaguez preferia: em meio dela
Não viriam cuspir-lhe o seu passado!
Como em nevoento mar perdida vela

Nos vapores do vinho assombreado
Preferia das noites na demência
Boiar (como um cadáver!) na existência!

[...]

Entre, por meio da leitura de alguns trechos do poema “Ideias íntimas” na “terra fantástica” do mundo de Caliban cultivado por Álvares de Azevedo. O ambiente é um quarto de estudante no qual o jovem se entrega a uma viagem por esse espaço e pelo interior de si mesmo. Nessa viagem, o reconhecimento dos objetos que formam o pequeno mundo do jovem e o reconhecimento da relação entre este e aqueles, de modo que a solidão e o desarranjo do quarto são um prolongamento da condição interior do eu lírico.

Ideias íntimas

I

Ossian o bardo é triste como a sombra
Que seus cantos povoa. O Lamartine
É monótono e belo como a noite,
Como a lua no mar e o som das ondas...

.....

Parece-me que vou perdendo o gosto,
Vou ficando blasé, passeio os dias
Pelo meu corredor, sem companheiro,
Sem ler, nem poetar. Vivo fumando.
Minha casa não tem menores névoas
Que a deste céu d’inverno... Solitário
Passo as noites aqui e os dias longos;
Dei-me agora ao charuto em corpo e alma;

.....

X

Meu pobre leito! Eu amo-te contudo!
Aqui levei sonhando noites belas;
As longas horas olvidei libando

Ardentes gotas de licor doirado
Esqueci-as no fumo, na leitura
Das páginas lascivas do romance...

Meu leito juvenil, da minha vida
És a página d'ouro. Em teu asilo
Eu sonho-me poeta, e sou ditoso,
E a mente errante devaneia em mundos
Que esmalta a fantasia! Oh! Quantas vezes
Do levante ao sol entre odaliscas
Momentos não passei que valem vidas!
Quanta música ouvi que me encantava!
Quantas virgens ameï! Que Margaridas,
Que Elviras saudosas e Clarissas,
Mais trêmulo que Faust, eu não beijava,
Mais feliz que Don Juan e Lovelace
Não apertei ao peito desmaiando!
Ó meus sonhos de amor e mocidade,
Por que ser tão formoso, se devíeis
Me abandonar tão cedo... e eu acordava
Arquejando a beijar meu travesseiro?

XII

Aqui sobre esta mesa junto ao leito
Em caixa negra dois retratos guardo.
Não os profanem indiscretas vistas.
Eu beijo-os cada noite: neste exílio
Venero-os juntos e os prefiro unidos
- Meu pai e minha mãe. – Se acaso um dia
Na minha solidão me acharem morto,
Não os abra ninguém. Sobre meu peito
Lancem-os em meu túmulo. Mais doce
Será certo o dormir da noite negra
Tendo no peito essas imagens puras.

XIV

Satã leve a tristeza! Olá, meu pajem,
Derrama no meu copo as gotas últimas

Dessa garrafa negra...

Eia! Bebamos!

És o sangue do gênio, o puro néctar
Que as almas do poeta diviniza,
O condão que abre o mundo das magias!
Vem. Fogoso *Cognac*! É só contigo
Que sinto-me viver. Inda palpito,
Quando os eflúvios dessas gotas áureas
Filtram no sangue meu correndo a vida,
Vibram-me os nervos e as artérias queimam,
Os meus olhos ardentes se escurecem
E no cérebro passam deliriosos
Assomos de poesia... Dentre a sombra
Vejo num leito d'ouro a imagem dela
Palpitante, que dorme e que suspira,
Que seus braços me estende...

Eu me esquecia:

Faz-se noite; traz fogo e dois charutos
E na mesa do estudo acende a lâmpada...

(In: Álvares de Azevedo, cit., p. 31-8)

É ela! É ela! É ela! É ela!

É ela! É ela! – murmurou tremendo,
E o eco ao longe murmurou – é ela!
Eu a vi minha fada aérea e pura –
A minha lavadeira na janela!

Dessas águas-furtadas onde eu moro
Eu a vejo estendendo no telhado
Os vestidos de chita, as saias brancas;
Eu a vejo e suspiro enamorado!

Esta noite eu ousei mais atrevido
Nas telhas que estalavam nos meus passos
Ir espiar seu venturoso sono,
Vê-la mais bela de Morfeu nos braços!

Como dormia! Que profundo sono!...
Tinha na mão o ferro do engomado...
Como roncava maviosa e pura!...
Quase caí na rua desmaiado!

.....

(In: Álvares de Azevedo, cit., p 44.)

Certos aspectos da poesia de Álvares de Azevedo são encontrados na obra de alguns dos melhores poetas do século XX: a *ironia*, na poesia de Carlos Drummond de Andrade; a forte presença do *cotidiano*, na de Manuel Bandeira. Essa convergência comprova a importância e a atualidade de Álvares de Azevedo em nossa literatura.

O Condoreirismo



Cena do espetáculo Os miseráveis, adaptado da obra de Victor Hugo.

As décadas de 60 e 70 do século XIX representam um período de transição na poesia brasileira. Ao mesmo tempo que muitos dos procedimentos da primeira e da segunda gerações se mantiveram, surgiram novidades de forma e de conteúdo, dando origem à terceira geração da poesia romântica, mais voltada para os problemas sociais e para uma nova forma de tratar o tema amoroso.

A terceira geração da poesia romântica brasileira é formada por poetas ligados à corrente *condoreira* ou *hugoana*, também é chamada por influência do escritor Victor Hugo. Desse grupo participaram vários escritores, entre eles Castro Alves, Pedro Luís, Pedro Calasãs e, até certo ponto, Sousândrade.

Ampliando as experiências de Fagundes Varela – que por vezes conseguiu superar o egocentrismo e voltar-se para o mundo exterior –, os condoreiros, comprometidos com a causa abolicionista e republicana, desenvolveram a poesia social. Seus poemas, geralmente em tom grandiloquente, próximo da oratória, tinham como finalidade convencer o leitor-ouvinte e conquista-lo para a causa defendida. O centro de preocupação da linguagem desloca-se do eu (o emissor) para ao assunto (no caso, a Abolição e a República), o que representa uma mudança profunda, considerando-se que o Romantismo é por natureza egocêntrico.

O nome *condoreirismo* dado a essa corrente associa-se ao condor ou a outras aves como a águia, o falcão e o albatroz, tomadas como símbolo dessa geração de poetas como preocupações sociais. Identificando-se com o condor – ave de voo alto e solitário é capaz de enxergar a grande distância –, os poetas condoreiros supunham-se também dotados dessa capacidade e, por isso, obrigados ao compromisso, como poetas-gênios iluminados por Deus, de orientar os homens comuns para os caminhos da justiça e da liberdade.

No Romantismo europeu, os condoreiros se ocuparam especialmente com a causa dos oprimidos, como os operários da indústria e os camponeses. A obra *Os miseráveis*, de Victor Hugo, é um dos melhores exemplos da literatura condoreira da época.

No Brasil, como a força de trabalho era predominantemente escrava, o Condoreirismo assumiu feições abolicionistas e republicanas. Estes versos do poema “O vidente”, de Castro Alves, demonstram o pensamento liberal-cristão do poeta:

Quebraram-se as cadeias, é livre a terra inteira,
A humanidade marcha com a Bíblia por bandeira:
São livres os escravos, quero empunhar a lira.
Quero que est’alma ardente um canto audaz desfira,
Quero enlaçar meu hino aos murmúrios dos ventos,
As harpas das estrelas, ao mar, aos elementos!

(*O navio negreiro e outros poemas*. São Paulo: Saraiva. p. 72-3.)

Castro Alves: a Linguagem da Paixão



Castro Alves.

Castro Alves (1847-1871), o “poeta dos escravos”, é considerado a principal expressão condoreira da poesia brasileira. Nascido em Curralinho, hoje Castro Alves (BA), estudou Direito em Recife e em São Paulo. Sua obra representa, na evolução da poesia romântica brasileira, um momento de maturidade e de transição. Maturidade em relação a certas atitudes ingênuas das gerações anteriores, como a idealização amorosa e o nacionalismo ufanista, substituídas por posturas mais críticas e realistas; substituídas por posturas mais críticas e realistas; transição porque a perspectiva mais objetiva e crítica com que via a realidade apontava para o movimento literário subsequente, o Realismo, que, aliás, havia muito predominava na Europa.

Castro Alves cultivou a poesia lírica e social, de que são exemplos as obras *Espumas flutuantes* e *A cachoeira de Paulo Afonso*; a poesia épica, em *Os escravos*; e o teatro, em *Gonzaga e a Revolução de Minas*.

A Poesia Social

Talvez seja Castro Alves o primeiro grande poeta social brasileiro. Como poucos, soube conciliar as ideias de reforma social com os procedimentos específicos da poesia, sem permitir que sua obra fosse um mero panfleto político – aliás, o grande risco para quem fosse um mero panfleto político – aliás, o grande risco para quem pretende fazer *arte engajada*, isto é, arte com o compromisso de interferir politicamente no processo social.

Comparando Álvares de Azevedo – principal poeta de segunda geração – a Castro Alves, percebendo pontos em comum entre eles. O primeiro, ao tratar do desequilíbrio entre o eu e o mundo, revela um desejo latente de transformação da realidade, com a qual não consegue

integrar-se, enquanto o segundo também mostra desejo de transformação, porém faz uma tomada de posição: na sua poesia tanto lírica quanto social, há a consciência dos problemas humanos e a busca de fórmulas para solucioná-los.

Desse modo, em vez de apresentar uma visão idealizada e ufanista da pátria, Castro Alves retrata o lado feio e esquecido pelos primeiros românticos: a escravidão dos negros, a opressão e a ignorância do povo brasileiro.

A linguagem usada por Castro Alves para defender seus ideais liberais é grandiosa, com gosto acentuado pelas hipérboles e por espaços amplos, como o mar, o céu, o infinito, o deserto. Nela tudo supera a atitude bem-comportada e superficial de um Casimiro de Abreu e busca o voo alto ou o mergulho profundo.

Trazendo inovações de forma e de conteúdo, a linguagem poética de Castro Alves prenuncia a perspectiva crítica e a objetividade do Realismo, movimento literário da década seguinte. Apesar disso, é uma linguagem essencialmente romântica, porque afinada com o projeto liberal do Romantismo brasileiro é bastante carregada emocionalmente, beirando os limites da paixão.

“O Navio Negreiro”

O poema épico-dramático “O navio negreiro” integra a obra *Os escravos* e, ao lado de “Vozes d’África”, da mesma obra, constitui uma das principais realizações poéticas de Castro Alves. O tema de “O navio negreiro” é a denúncia da escravização e do transporte de negros para o Brasil. Quando o poema foi escrito, em 1868, já fazia dezoito anos que vigorava a Lei Eusébio de Queirós, que proibiu o tráfico de escravos, mas a escravidão no país persistia.

Portanto, sem a preocupação de escrever sobre a realidade imediata, Castro Alves faz uma recriação poética das cenas dramáticas do transporte de escravos no porão dos navios negreiros. Para isso valeu-se em grande parte dos relatos de escravos com quem conviveu, na Bahia, quando menino.

O texto que segue, a parte IV de “O navio negreiro”, é a descrição do que se via no interior de um navio negreiro. Perceba a capacidade de Castro Alves de nos fazer ver a cena, como se estivéssemos num teatro.

Era um sonho dantesco!... o tombadilho,
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,

Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra, irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chi estala.
E voam mais e mais...

Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra.
E após fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
“Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!...”

E rir-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual num sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

(Espumas flutuantes. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d. p. 184-5.)

Açoite: chicote.

Arquejar: ofegar.

Dantesco: relativo às cenas horríveis narradas por Dante Alighieri em sua obra *Divina comédia*, na parte em que descreve o inferno.

Espectros: fantasmas.

Luzernas: clarões.

Tombadilho: alojamento do navio.

Turbilhão: redemoinho.

Vãs: inúteis, sem valor.

Em vez de “virgem pálida”, a mulher nos poemas de Castro Alves é quase sempre um ser corporificado e, mais que isso, participa ativamente do envolvimento amoroso. E o amor é uma experiência viável, concreta, capaz de trazer tanto a felicidade e o prazer como a dor. Portanto, o conteúdo da lírica do poeta é uma espécie de superação da fase adolescente do amor e o início de uma fase adulta, mais natural, que aponta para uma objetividade maior, prenunciando o Realismo.

Boa noite

Boa noite, Maria! Eu vou-me embora.

A lua nas janelas bate em cheio.

Boa noite, Maria! É tarde... É tarde...

Não me apertes assim contra teu seio.

Boa noite!... e tu dizes – Boa noite,
Mas não mo digas assim por entre beijos...
Mas não mo digas descobrindo o peito,
- Mar de amor onde vagam meus desejos.

Julieta do céu! Ouve.. a calhandra
Já rumoreja o canto da matina.
Tu dizes que eu menti?... Pois foi mentira...
... Quem cantou foi teu hálito, divina!

Se a estrela d'alva os derradeiros raios
Derrama nos jardins do Capuleto,
Eu direi, me esquecendo d'alvorada:
“É noite ainda em teu cabelo preto...”

É noite ainda! Brilha na cambraia
- Desmanchado o roupão, a espádua nua –
O globo de teu peito entre os arminhos
Como entre as névoas se balouça a lua...

É noite, pois! Durmamos, Julieta!
Rescende a alcova ao trespasar das flores,
Fechemos sobre nós estas cortinas...
- São as asas do arcanjo dos amores.

A frouxa luz da albastrina lâmpada
Lambe voluptuosa os teus contornos...
Oh! Deixa-me aquecer teus pés divinos
Ao doudo afago de meus lábios mornos.

Mulher do meu amor! Quando aos meus beijos
Treme tua alma, como a lira ao vento,
Das teclas de teu seio que harmonias,
Que escalas de suspiros, bebo atento!

Ai! Canta a cavatina do delírio,
Ri, suspira, soluça, anseia e chora...
Marion! Marion!... É noite ainda.
Que importa os raios de uma nova aurora?!...

Como um negro e sombrio firmamento,
Sobre mim desenrola teu cabelo...
E deixa-me dormir balbuciando:
Boa noite! – formosa Consuelo!...

(Castro Alves. *Espumas flutuantes*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s. d. p. 67-8.)

Alabrastrina: cor de alabastro (branca).

Alcova: quarto de casal.

Arminho: pelo de arminho, de cor branca, usado no decote de roupões femininos.

Balouçar: balançar.

Calhandra: espécie de cotovia.

Cambraia: tecido fino de linho ou algodão.

Cavatina: pequena ária (peça musical).

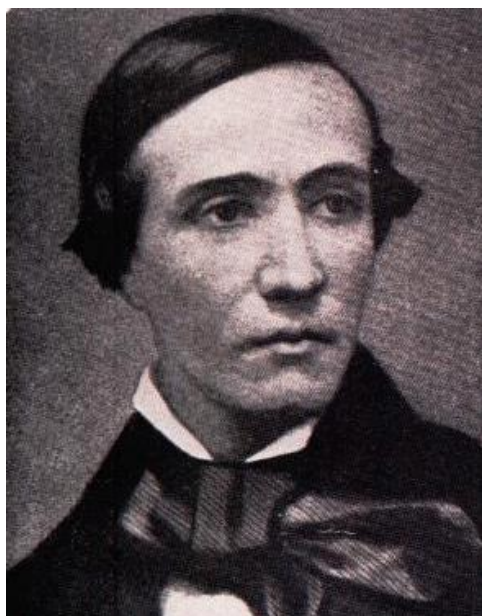
Espádua: parte posterior do ombro.

Lira: instrumento musical.

Tescalar: exalar cheiro.

Voluptuosa: sensual.

Sousândrade: Precursor da Modernidade



Sousândrade.

Joaquim de Souza Andrade (1833-1902), ou Sousândrade, foi o poeta brasileiro mais original do século XIX. Filho de fazendeiros, o escritor nasceu no Maranhão e estudou na França, onde se bacharelou em Letras e Engenharia de Minas. Além de ter conhecido a França, peregrinou por vários países como Bélgica, Estados Unidos e Chile.

Estreando em nossa literatura em 1857, com *Harpas selvagens*, Sousândrade poderia figurar tanto entre os poetas da segunda geração romântica, pelo critério cronológico, quanto entre os poetas da terceira geração, dado o teor abolicionista e republicano de alguns de seus textos. Entretanto nenhum desses critérios é suficiente para examinar e avaliar a contribuição de Sousândrade à poesia brasileira.

Incompreendido pelos críticos, pelos leitores e até pelos familiares, Sousândrade, consciente de sua condição, já afirmava em 1877, numa introdução ao canto VII de *Guesa errante*, sua

obra máxima: “Ouvi dizer já por duas vezes que o *Guesa erante* será lido cinquenta anos depois; entristeci – decepção de quem escreve cinquenta anos antes”.

Dotado de uma compreensão mais crítica e abrangente do sentido de pátria e indianismo que o então vigente na poesia de seus contemporâneos românticos, Sousândrade defendia uma nova civilização americana, independente política e culturalmente. Em seu americanismo crítico, que funde as três Américas, encontram-se alusões tanto aos aspectos paradisíacos quanto infernais da América. Ao mesmo tempo que recupera as tradições indígenas amazonenses e colombianas, o poeta aponta o câncer do mundo moderno, o inferno financeiro de Wall Street, nos Estados Unidos.

Avaliada pela crítica da época com os mesmos critérios que a produção dos românticos, a obra de Sousândrade ficou marginalizada e esquecida durante longo tempo. Somente nas últimas décadas do século XX, após a publicação de *Revista de Sousândrade*, dos críticos literários Augusto e Haroldo de Campos, é que o poeta passou a ser visto como um dos precursores da literatura moderna, ao lado de grandes nomes internacionais, como Charles Baudelaire e Edgar Allan Poe. Como exemplo, observe os seguintes fragmentos do poema “Novo Éden”, escrito entre 1888 e 1889, no momento em que se davam os desdobramentos políticos que levariam à Abolição e à República. Alegoricamente, o poeta faz um paralelo entre o fim da monarquia e a queda de Adão e Eva do paraíso.

Banidos do paraíso: olhando para trás,
D’espelho que se parte o relampagueamento
D’estampido seguido e que cegueira faz
Que d’alma a dor profunda apaga no momento,
Viram... um lago! Ao longe... um monte!... nada mais.

.....

Já era o pôr do sol: cansados do caminho,
Eva chorando, o abrolho, o cardo, a urtiga, o espinho,
Rastos dos pés sangrando: unidos se deitaram
Sem mais o encanto edêneo... Amar? Os céus olharam:
Os astros em fulgor, suas fronteiras em suor;
Travesseiro? Uma pedra. E os astros sempre rindo!...
Foi quando Prometeus não pôde mais; e trouxe
Dos céus centelha: e ao fogo o homem que aqueceu-se;
Toda tristeza ante ele, os olhos reluzindo
Meiga, mortal, calada: ao colo da mulher,

No Éden do amor, o lar cosmopolita, achou-se
Imagem de Deus uno, à carne rosicler;
Forma flor, forma céus, para-olhos e para-almas,
Da Criação o amor em gêmeos, dois amores,
Corpos vibrantes dois, duas psíquicas palmas
Os corações em luz, carnariums, sangues, dores
E o ideal Prometeus, a ideal imagem-Deus.

Egressos

Do Éden, foi, travesseiro a pedra e o leito
Entre abrolhos e espinhos, que os esposos
Casaram consolando-se: que apenas
Adolescência, puberdade, sonhos,
Ainda nas mãos de Deus se perfazendo
Nevosos copos do alvo seio d'Eva,
Risos, auroras, nos jardins houveram
De delícias, que têm da divindade,
Que Deus não deu a irracional d'instintos,
Ao qual mandou procriar sem rir nem ciência.

.....
(In: Augusto e Haroldo de Campos. *Revisão de Sousândrade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 381.)

Abrolho: tipo de planta, espinho

Cardo: planta espinhosa.

Carnarium: trata-se de um neologismo.

Fulgor: brilho.

Prometeus: um dos titãs da mitologia grega; roubou o fogo do Olimpo para dar ao homem.

Rosicler: tonalidade róseo-pálida.

Observe que, metaforicamente, a República nascente corresponde ao “novo Éden”. A insegurança, as dúvidas e as dificuldades que Adão e Eva tiveram de enfrentar, segundo o mito, são análogos às dos brasileiros, que ousaram cometer o “pecado” de sonhar com a liberdade política. Note também a originalidade do poeta em suas construções barroquizantes, cheias de inversões e de termos raros (“abrolhos”, “cardo”) em suas imagens, com os substantivos duplos (“para-olhos”, “imagem-Deus”); em sua musicalidade diferente da

dos versos dos românticos; e em seu hibridismo linguístico, que mistura palavras originadas de várias línguas (“rosicler”, “carnaiums”). As sugestões eróticas do texto também chamam a atenção, aproximando o autor do poeta Castro Alves.

Exercício

1. Soneto

Já da morte o palor me cobre o rosto,
Nos lábios meus o alento desfalece,
Surda agonia o coração fenece,
E devora meu ser mortal desgosto!

Do leito embalde no macio encosto
Tento o sono reter!... já esmorece
O corpo exausto que o repouso esquece...
Eis o estado em que a mágoa me tem posto!

O adeus, o teu adeus, minha saudade,
Fazem que insano do viver me prive
E tenha os olhos meus na escuridade.

Dá-me a esperança com que o ser mantive!
Volve ao amante os olhos por piedade,
Olhos por quem viveu quem já não vive!

AZEVEDO, A. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

O núcleo temático do soneto citado é típico da segunda geração romântica, porém configura um lirismo que o projeta para além desse momento específico. O fundamento desse lirismo é

- a) A angústia alimentada pela constatação da irreversibilidade da morte.
- b) A melancolia que frustra a possibilidade de reação diante da perda.
- c) O descontrole das emoções provocadas pela autopiedade.
- d) O desejo de morrer como alívio para a desilusão amorosa.
- e) O gosto pela escuridão como solução para o sofrimento.

Gabarito

1. B